

Política
SUCESSÃO

Sarney e Ulysses continuam trocando farpas

O candidato peemedebista ameaça transformar-se em feroz crítico do governo. E Sarney se previne: "Ulysses ainda mantém profundas ligações com o governo".

Ulysses Guimarães não pretende transformar as críticas que faz ao governo em bandeira de sua campanha à sucessão. Mas também não pretende ficar calado toda vez que o presidente Sarney culpar o Congresso e acusar os parlamentares para justificar a inviabilidade de sua administração, como tem feito ultimamente. "Mexer com o Congresso é mexer comigo", advertiu Ulysses, ontem, deixando bem claro a Sarney que, se insistir na mesma tecla, terá pela frente um combatente feroz.

Quanto a Sarney, ele tenta como pode se defender dos ataques de Ulysses. Ainda ontem, em Colina, no interior de São Paulo, onde passa o fim de semana na fazenda do amigo José Cutrale, ele disse que de nada adiantam os esforços de Ulysses em mostrar à opinião pública que está afastado do Planalto. "Ele participou e participa tão intensamente do governo que tem absoluto conhecimento dos problemas nacionais", atestou Sarney. "Ulysses ainda mantém profundas ligações com o governo."

Ainda que repita não ser sua intenção atacar o governo, convencido de que isso não rende tantos votos como se imagina, o fato é que Ulysses vem conseguindo uma grande receptividade quando toca nesse assunto. Isso aconteceu em Porto Alegre, na quinta-feira, e se repetiu ontem em Chapecó, Santa Catarina, para onde arrastou cinco mil pessoas entre dirigentes e militantes do PMDB de 42 cidades do Oeste do Estado.

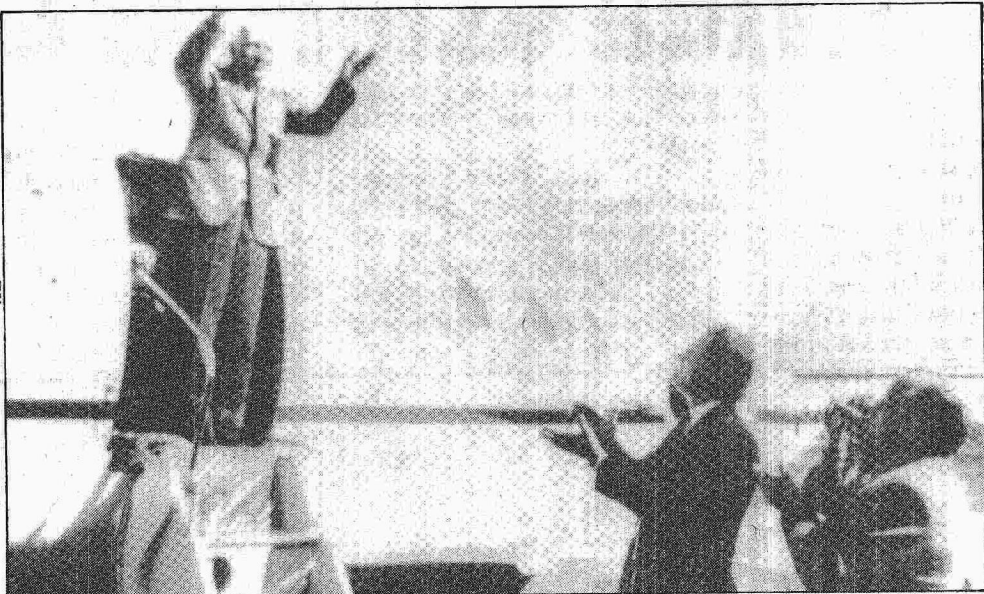
Em Porto Alegre, Ulysses lotou o auditório da Assembléia gaúcha com mais de dois mil dirigentes do PMDB — e conseguiu o maior aval à sua candidatura desde que começou a campanha. "O que o Brasil precisa é de um estadista, de um líder que nunca teve, nem na República, nem no Império", disse — e foi intensamente aplaudido.

O entusiasmo de Ulysses estará presente também na tevê — amanhã, quando será o entrevistado do "Cara a Cara" da Bandeirantes. É a primeira entrevista exclusiva dele desde que foi escolhido candidato oficial do PMDB — e Ulysses fala de política, economia, de seus planos de governo e de sua vida pessoal, além de fazer uma declaração de amor a dona Mora: "Se existe reencarnação, na próxima eu queria casar também com ela".

Ulysses diz na entrevista que participou da escolha do ministério de Tancredo Neves, herdado por José Sarney. Mas esclarece que a partir de 1986, quando alguns ministros se desincompatibilizaram para disputar eleições, Sarney começou a decidir sozinho as substituições. Ulysses nega que, desde aquela época, tenha indicado ou aprovado nomes para compor o governo. Diz ainda que tem respeito pessoal por Sarney e que não rejeitará seu apoio — desde que não implique numa mudança de sua atual posição de independência em relação ao governo.

Sobre programa de governo, ele diz que ainda não está pronto. Mas adianta alguns pontos: "Nesta década nós paramos de crescer e temos que voltar a crescer 5% ou 6% ao ano". A dívida externa, na opinião de Ulysses, é "impagável" e "não adianta querer pagá-la do tamanho que está", embora não seja favorável à moratória. "Existem idéias para modificar o quadro atual", diz. Quanto à política, ele classifica como uma "caixa de surpresas" e nega que a impopularidade dos políticos seja um fenômeno nacional. Ao contrário de muitos de seus colegas, porém, reconhece que o poder é "fundamental": "Todo político autêntico, todo político de raça quer o poder, para fazer coisas".

É com esses argumentos que Ulysses espera avançar nas pesquisas de opinião e chegar ao segundo turno. "Ele tem todas as condições para isso", atesta o governador em exercício de São Paulo Almino Afonso. "O que está faltando é só uma maior aproximação de todos os correligionários do PMDB." Organizado, o partido poderá sentir o "prazer da vitória", segundo o governador do Rio, Moreira Franco, que já arregaçou as mangas: "O povo vai acabar votando em quem tem filosofia e não em quem vive de frases feitas".



Ulysses, em Chapecó: "Mexer com o Congresso é mexer comigo".